

# ALÉM DO PIXEL



Daniel Jefferson Correia Eloy





**ALÉM DO PIXEL**  
*por Daniel Jefferson Correia Eloy*

**Introdução do Autor**

O universo de 'Além do Pixel' nasceu da colisão entre tecnologia e memória. Cada linha costurada nesta obra é um fio entre mundos, entre realidades que se desfragmentam sob os olhos de quem ousa tocar a tela. Este livro é para os que acreditam que há algo além da lógica — algo que pulsa em bytes e alma. Seja bem-vindo ao tecido invisível do tempo.

## Sumário

<b>ARCO 1: COSTURAS DO DESTINO .....</b>	<b>6</b>
<b>CAPÍTULO 1: O CELULAR QUE NÃO ERA LIXO .....</b>	<b>6</b>
<b>CAPÍTULO 2: AGULHAS NO ESCURO.....</b>	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO 3: A MÃO COM UNHAS VERDES .....</b>	<b>19</b>
<b>CAPÍTULO 4: WIFI SANGUE .....</b>	<b>25</b>
<b>CAPÍTULO 5: O SUCATEIRO DE ALMAS .....</b>	<b>34</b>
<b>CAPÍTULO 6: O INFERNO É UM SHOPPING .....</b>	<b>36</b>
<b>CAPÍTULO 7: AS PORTAS DO ÔNIBUS 514.....</b>	<b>42</b>
<b>CAPÍTULO 8: GUERREIRAS DO TECIDO .....</b>	<b>44</b>
<b>CAPÍTULO 9: O AÇOUGUE DIMENSIONAL.....</b>	<b>46</b>
<b>CAPÍTULO 10: FORJA DE ALMAS .....</b>	<b>47</b>
<b>CAPÍTULO 11: ECOFANTASMA .....</b>	<b>48</b>
<b>CAPÍTULO 12 - "CEMITÉRIO DE PEÇAS PERDIDAS" .....</b>	<b>50</b>

# ARCO 1: COSTURAS DO DESTINO

---

## CAPÍTULO 1: O CELULAR QUE NÃO ERA LIXO

A luz mortiça do notebook cortava a escuridão do cubículo de 25m², projetando um fantasma azulado no rosto anguloso de Daniel. Fora da janandra do apartamento no Bom Retiro, São Paulo respirava com o peso úmido de um animal acuado. O cheiro agriado da chuva iminente misturava-se ao mofo ancestral das paredes e ao café requentado – amargo como desespero – que ele engolia em goladas rápidas. Seus dedos, nervosos e precisos, martelavam o teclado num ritmo frenético. À esquerda, linhas de Python serpentavam na tela; à direita, relatórios de sistema pulsavam em vermelhos alarmantes. Dois monitores, três xícaras vazias manchadas de borra, e o ronco distante do Minhocão ecoava como o ranger de dentes de um titã adormecido sob o asfalto. *Aluguel atrasado. Contas empilhadas como uma sentença. A CG 160, sua fiel de ferro, lá embaixo na garagem semiabandonada, enferrujando em silêncio.* Os pensamentos giravam num loop vicioso, interrompidos apenas pela vibração seca e insistente no bolso do jeans desbotado:

*Tzzz! Tzzz!*

Ele pescou o celular – um tijolo básico, capa de silicone arranhada pela vida. A notificação do app de entregas brilhava com uma promessa vazia:

**“NOVO PEDIDO: Farmacinha do Bairro → Rua das Magnólias, 148. TEMPO: 12 min.**

**RECOMPENSA: R\$ 8,50.”**

Daniel soltou um grunhido gutural, um som nascido na garganta seca. Quase 21h, e o algoritmo insensível achava que ele era um autômato, incansável. Mas os dedos, movidos por um instinto mais profundo que a fadiga, encontraram o botão "ACEITAR". A unha suja de graxa de moto pressionou-o com uma resolução fatalista. *Doze minutos. Dá pra ir e voltar antes do temporal engolir a cidade.*

## A Estrada Molhada

Cinco minutos depois, ele fendia o trânsito engarrafado da Radial Leste montado na CG 160. A chuva fina começara, uma cortina de água suja transformando o asfalto num espelho oleoso onde os faróis vermelhos dos carros se multiplicavam como olhos rubros de demônios famintos. O cheiro acre de pastel frito escapando de um boteco escondido misturava-se ao doce-ácido da poluição molhada, criando um perfume único da noite paulistana. No bagageiro precário, a caixa de remédios para Dona Marta – anticoagulantes e insulina, pequenos elixires de sobrevivência – estava amarrada com um elástico de cabelo roxo, achado de última hora no fundo do bolso. Tudo normal, no caos habitual, na dança precária da sobrevivência urbana.

Até que o gigante verde-escuro apareceu.

O caminhão de lixo avançava na faixa ao lado, uma massa imponente de metal e fétido propósito, quando uma moto louca cortou sua frente num rasante suicida. O motorista, em pânico ou raiva, jogou o volante bruscamente para a esquerda, invadindo a faixa de Daniel com a brutalidade de um golpe.

*Ação em 3... 2... 1:*

Daniel freou com tudo o que a velha CG tinha. A moto, leve e nervosa, derrapou no asfalto úmido como um animal assustado, a roda dianteira tremendo num frenesi incontrolável. O elástico roxo, frágil diante da violência do movimento, estalou com um som ridículo. A caixa de remédios voou, descrevendo um arco patético no ar úmido antes de bater com um *crack* seco e definitivo num poste de concreto. De dentro da caixa rachada, como um ovo de metal grotesco, um celular estalado – tela em estrelas de dor, moldura riscada pela brutalidade – escorregou para o meio-fio, pousando numa poça de água suja.

“Putá que –”

Daniel desligou a moto num movimento brusco, pulou no asfalto molhado que refletia as luzes distorcidas. A chuva pingava em seu capacete barato, escorrendo pela viseira embaçada, enquanto ele se agachava, os joelhos protestando, para pegar o intruso. *Estranho. Não fazia parte da entrega. Alguém o deixara na farmácia por engano? Esquecimento criminoso?* Quando seus dedos, frios e úmidos, tocaram na tela rachada, no vidro estilhaçado que mordida a pele...

ZAP.

Um brilho azul elétrico, frio e intenso como a chama de um maçarico, pulsou sob os cacos de vidro. Quente. Muito quente, quase doloroso. E então, como um choque estático amplificado mil vezes, a visão explodiu atrás de seus olhos, não como imagem, mas como uma experiência visceral, total:

**Toque → Visão (3 segundos):**

*O caminhão de lixo, agora uma sombra imensa e próxima, engatando a marcha à ré. A luz reversa branca, fantasmagórica, cortando a chuva fina, iluminando os pingos como agulhas de gelo.*

*A roda traseira trancada, enorme e impiedosa, subindo no meio-fio com um rangido metálico. Sua perna direita – sua perna! – sob ela, esmagada como gravetos secos sob um trator. A sensação não era de dor, mas de um vácuo gelado, de ausência.*

*Sangue – vermelho vivo, chocantemente irreal, quase fluorescente – jorrando, misturando-se à água suja do bueiro num carmim diluído e obscuro. E um cheiro dominante, penetrante, de ferro quente, de metal queimado, de carnificina.*

## AGORA.

O rangido metálico da ré cortou o barulho da chuva como uma serra. O caminhão vinha para trás, um monstro cego e implacável. Daniel não pensou. Não houve tempo para o pensamento. O corpo reagiu, movido por puro instinto reptiliano, por um terror que transcendia a mente. Saltou para trás, um movimento desesperado e desengonçado. A roda enorme, pesada como o destino, passou a centímetros da sua canela, esmagando com um estalo seco e satisfatório o capacete que caíra no chão. O plástico estilhaçou-se, um crânio artificial destruído.

“Como eu...?”

Ele ficou paralisado, ofegante, o coração batendo como um tambor de pânico no peito, os olhos fixos no capacete destruído, depois no celular na sua mão. O aparelho pulsava, raios azuis sinistros subindo pelo seu pulso como serpentes luminosas, deixando rastros de veias azuis sob a pele, tatuagens fantasmagóricas de um pacto não assinado. Uma facada de enxaqueca, aguda e fria, perfurou suas têmporas. O mundo girou, as luzes se alongaram em riscos luminosos, o som da chuva e do trânsito distorceram-se num zumbido agudo.



## Decisão:

*Opção A: Jogar aquela porcaria no lixo mais próximo e correr. Correr até não sentir mais as pernas, até o cheiro de ferro sumir do nariz, até o mundo voltar a fazer sentido.*

*Opção B: Tocar de novo. Saber. Mergulhar naquele abismo azul, entender o que lhe acontecera, que demônio era aquele que lhe dava visões de sua própria ruína.*

A curiosidade – uma fera antiga, mais forte que o medo, mais sedutora que a razão – foi mais forte. Seu dedo polegar, ainda sujo da graxa do dia, sujo da cidade, tocou novamente na tela rachada, no epicentro do caos.

ZAP.

O mundo não escureceu. Ele *desmoronou*. Não foi um desmaio, foi uma desintegração fundamental. Prédios derreteram em blocos de cor pura, sem forma, sem substância. Ruídos de trânsito colapsaram num zumbido digital agudo, monocórdico, que perfurava o crânio. O cheiro reconfortante da chuva foi substituído por algo metálico e gelado – ozônio de alta tensão, o hálito frio do vácuo. Ele caiu, não para trás, mas *através*, de cara em algo duro, liso e frio como o mármore de um túmulo.

---

## CAPÍTULO 2: AGULHAS NO ESCURO

O salto através das 50 telas foi uma violência contra a própria noção de ser. Não uma transição, mas um desmontar molecular, átomo por átomo sendo desfiado e reconstruído às pressas em outro padrão desconhecido. Daniel acordou vomitando, seu corpo convulsando, expelindo um fluido viscoso de azul-turquesa iridescente que cheirava a bateria de celular queimada misturada com o sal amargo de lágrimas não choradas. O líquido espirrou com força no chão frio de uma sala estreita e sufocante. Cabos grossos, como intestinos de metal morto, pendurados do teto baixo, balançavam ao ritmo de um zumbido profundo e constante – o ronco gorgolejante de um gigante digital adormecido. Nas paredes de aço enferrujado, gotejando condensação ácida, luzes minúsculas piscavam em um código binário incessante:

0001... 0010... 0011...

Um coração artificial batendo no peito escuro de uma máquina.

"Bienvenido al Sótano de Servidores..." A voz de Celit chegou rouca, abafada pelo ruído constante de ventoinhas agonizantes que lutavam para resfriar o inferno. Ela tentou enxugar sangue do nariz com a manga do macacão, deixando um rastro âmbar escuro no tecido luminoso. Sua respiração era ofegante, metálica. "Es el único lugar donde ese gusano no nos rastrea. Por ahora."

Daniel tentou se levantar, apoiando-se em um servidor tombado cujas luzes piscavam em ritmo de morte. Ondas de dor cortante, afiada como estilhaços de vidro, percorreram seu braço direito, concentrando-se nas marcas. As veias azuis que antes cintilavam sob sua pele agora eram cicatrizes luminosas, profundas, pulsando ao ritmo hipnótico e cruel das luzes do teto. Cada batida era um martelo gelado batendo no osso, uma ressonância interna que o enchia de náusea. "Por que está tudo azul?" Ele engoliu o gosto de metal, de óleo, de morte digital que enchia sua boca.

"Tus venas... están sincronizadas con la red," ela murmurou, deslizando pela parede fria até o chão, exausta. Seus olhos amendoados, antes cheios de fogo, agora escaneavam a escuridão além dos cabos pendentes com um cansaço profundo. "Eso significa... que el Devorador já sabe onde estamos. Somos... un farol para él." A palavra "farol" saiu como uma maldição.

TZZZT!

Um monitor enferrujado, encravado na parede como um olho cego, ligou sozinho no canto mais escuro. Sua tela rachada, uma teia de aranha de falhas, mostrou olhos de TV analógica se multiplicando – estática granulada, pontos mortos como buracos negros, linhas fantasmas cortando a escuridão. Uma voz saiu dos alto-falantes distorcidos, esmagada, como se falasse através de um moedor de carne:

FOME-TEMPO... FOME-TEMPO...

Era o mesmo chiado metálico do Shopping, mas agora havia uma fome palpável, uma urgência bestial naquela voz, como a engrenagem central de um relógio mastigando segundos vivos.

Daniel encostou na parede fria, sentindo o metal úmido e corrompido contra sua pele. O frio penetrou. E então veio a Visão, involuntária, intrusiva, um filme de terror projetado em seu crânio:

Visão (3 segundos):

Garras de fumaça negra, densa como petróleo, rompendo a porta blindada à sua frente com um rasgo metálico. Metal cedendo como papel.

Celit sendo arrancada do chão por cabos pendurados que ganhavam vida, serpentinas de aço envolvendo seus membros, arrastando-a para as sombras como uma marionete quebrada. Seu remendo dourado – aquele no ombro esquerdo, fonte de seu poder e sua maldição – rasgando com um som de tecido sendo partido. Fios de luz âmbar, como sangue dourado, escapando e se apagando instantaneamente, como velas sopradas por um vento maligno.

"Saímos. Agora," Daniel ordenou, empurrando-se da parede, a voz rouca pela náusea e pelo terror. O gosto do vômito azul ainda estava na garganta.

"¡Espera!" O grito de Celit foi um fio de esperança. Ela puxou algo de dentro da manga do macacão: sua agulha de luz dourada. O objeto, antes pulsante como uma estrela, agora tremeluzia fraco, como um vagalume preso em um frasco. "Hay una salida... pero cuesta vida."

Ela apontou um dedo trêmulo para um painel de fusíveis, quase escondido atrás de uma cascata de cabos. Estava coberto por grafites digitais obscenos – rostos humanos chorando números, assinaturas rabiscadas em código binário, símbolos de perigo dimensional. Cada fusível brilhava com uma cor profunda e sinistra: vermelho-sangue coagulado, verde-veneno fosforescente, azul-profundo como o abismo.

"Cada fusible... es una costura temporal," ela explicou, os dedos tremendo levemente enquanto segurava a agulha com força, como se fosse sua única âncora. "Si yo rerroteo... podemos saltar para el Templo de los Datos..." Ela fechou os olhos por um instante, uma sombra de dor cruzando seu rosto. "... pero me costará horas." "Horas" não significava tempo. Significava vida.

Daniel olhou para suas próprias mãos. As cicatrizes azuis pulsavam mais rápido, mais intensamente, respondendo à proximidade do perigo, ao chamado do Devorador. As palavras dela em Neo-Lumen ecoaram em sua mente como um sino fúnebre: "... una Costurera está muriendo".

"Quanto tempo você tem?" A pergunta saiu suave, como se falasse com um animal ferido e perigoso, tentando não assustá-lo mais.

Celit evitou seu olhar, focando no painel como se ele contivesse todas as respostas. Sua respiração era um fio tênue no ar carregado de ozônio e poeira de ferro.

"Mi abuela... duró 6 meses depois que seu Ecovisual apareceu. Yo..." Ela engoliu seco, forçando as palavras. "... tengo semanas. Talvez días."

Silêncio. O silêncio foi preenchido pelo zumbido das ventoinhas, pelo chiado do monitor, pelo gotejar constante da umidade nas paredes. O monitor do canto cuspiu um punhado de fagulhas azuis, iluminando brevemente o rosto pálido e suado de Celit. A morte não era uma abstração. Era uma sombra pairando sobre ela, contando os segundos.

Decisão:

Opção A: Fugir sem rerrotear. Enfrentar o Devorador agora, naquele túmulo de metal, com Celit fraca e seu poder instável. Suicídio.

Opção B: Deixar Celit pagar o preço. Comprar um salto seguro com as horas preciosas que lhe restavam. Sobreviver às custas de acelerar seu fim.

Daniel estendeu a mão ferida, as cicatrizes azuis brilhando como faróis subaquáticos num oceano escuro. A luz pulsava no ritmo acelerado de seu coração. "Ensina. Eu ajudo." A decisão não foi heroica. Foi a única que não o condenava a ambos naquele instante.

## O PREÇO DA AGULHA

O ar no Sótano ficou ainda mais pesado, carregado não só de ozônio, mas da urgência do desespero. Enquanto Celit guiava suas mãos com instruções apressadas e sussurradas sobre como desviar fios temporais – fios que pareciam feitos de luz sólida e dor – Daniel notou três coisas, pequenos detalhes que pintavam um quadro maior e mais terrível:

**Sinfonia Fatal:** Seu toque nas veias azuis, quando próximo aos fios dourados que ela manipulava, não era neutro. Era catalítico. As veias pulsavam mais forte, emitindo um zumbido agudo, e os fios dourados respondiam, brilhando com uma intensidade quase cegante, como metal levado ao branco na forja. Trabalhavam mais rápido, mas a um custo visível. Cada fusível rerroteado era um espasmo de luz intensa seguido por um gemido abafado de Celit.

**O Custo Visível:** Cada fusível que mudava de cor – do vermelho-sangue para um âmbar estável, do verde-veneno para um azul calmo – deixava Celit mais pálida, mais translúcida. Não era só suor. Era como se sua vitalidade estivesse sendo drenada junto com a energia que usava. As mãos dela tremiam não apenas de medo, mas de uma exaustão celular profunda, um esgotamento que ia além do físico.

**O Eco Reconhecido:** O remendo dourado no ombro dela... pulsava. Como um coração isolado, batendo com força quando ele se aproximava, especialmente quando suas mãos marcadas pelo azul tocavam os fios perto dele. Era uma pulsação quente que ele podia sentir no ar, um reconhecimento sinistro entre duas feridas do mesmo tecido da realidade.

"¿Por qué ese parche brilla conmigo?" Daniel perguntou, os dedos deslizando com cautela sobre um fio vermelho que emanava um calor seco e cheirava a ferro quente, a sangue derramado sob o sol.

Visão (3 segundos) → INVOLUNTÁRIA:

\*Celit, muito mais jovem, talvez 15 anos, frágil e assustada, de pé na borda de um arranha-céu impossível em Neo-Lumen. O vento uivava, arrancando pedaços de seu macacão simples. Diante dela, uma Ruptura gigantesca – um rasgo brutal no céu negro, mostrando estrelas-binárias que sangravam luz púrpura no vazio.\*

Uma agulha enorme, maior que seu braço, dourada e gloriosa, mas quebrada na ponta, estava cravada profundamente em seu ombro esquerdo. Sangue dourado, luminoso, escorria pelo seu braço, pingando no abismo abaixo.

Voz de uma idosa, dura como aço forjado na dor, ecoando como um trovão dentro da mente de Daniel: "¡Nunca remendes tu propio destino, niña! ¡Deja que los errores sangren limpio... o el veneno te consumirán por dentro!"

A visão se desfez como fumaça. Celit recuou bruscamente como se tivesse levado um choque físico, a mão pressionando o remendo com força, os nós dos dedos brancos. Seu rosto estava lívido.

"Esa... era mi primera ruptura." Ela engoliu seco, engasgando com a memória. "Remendei... com um fragmento da agulha quebrada..." Seus olhos, úmidos e cheios de uma dor antiga, encontraram os de Daniel, e ele viu a verdade crua neles, a peça que faltava: "... el mismo fragmento... que está matándome ahora."

Daniel sentiu o chão virtual se abrir sob seus pés. O circuito fechou com um clique metálico e fatal:

Seu poder de visão era um ECO das rupturas dela. Uma reverberação, uma onda de choque do acidente primordial que a condenava.

Tocá-la = Alimentar o eco = Acelerar a doença. Era uma simbiose mortal, um abraço de serpentes entrelaçadas.

CRRRACK!

O som foi de um mundo terminando. A porta blindada, que parecia tão sólida, desabou como papel amassado, arremessada para dentro por uma força inconcebível. Garras de fumaça negra, mais densas e vorazes do que antes, entraram primeiro, farejando o ar como tentáculos famintos. Seguiu-se um rosto – ou a paródia de um rosto – feito de relógios quebrados amontoados. Ponteiros torcidos como dentes afiados, mostradores rachados mostrando horas impossíveis (88:88, -1:60), engrenagens expostas rangendo. O Devorador de Ciclos arrastou-se para dentro, seu corpo de fumaça digital compactada deixando um rastro palpável de tempo podre: o metal enferrujava instantaneamente onde ele passava, cabos envelheciam décadas em segundos, desintegrando-se em pó cinzento e inerte. O cheiro era de cemitério antigo e lixo eletrônico queimado.

## FUGINDO NO ESCURO

"¡SALTA!" O grito de Celit foi um rasgo no ar, cheio de um desespero final. Ela empurrou Daniel com força desesperada em direção ao painel rerroteado. Os fusíveis, agora estáveis em suas novas cores, brilhavam como pequenos sóis prontos para detonar, emanando calor e uma luz que doía nos olhos.

Ele não pensou. Agarrou-a pelo pulso, sentindo os ossos frágeis sob a pele, sentindo a pulsação febril do remendo dourado contra sua palma. No instante do contato, o remendo explodiu em luz branca. Não uma explosão violenta, mas um clarão ofuscante, envolvendo-os num manto de fótons desesperados, um sudário de energia derradeira.

Efeito Espelho (Involuntário):

Nas telas dos servidores moribundos, imagens cintilaram brevemente: Daniel, muito mais jovem, sorrindo (um sorriso que ele mal se lembrava), sujo de óleo, consertando motos velhas em sua garagem apertada em SP. Um rádio velho tocava funk distorcido, a única paz precária que ele conhecera antes da tempestade engolir sua vida.

Celit viu: sua avó morrendo numa cama simples, segurando um fio dourado que se apagava lentamente entre seus dedos enrugados. "Perdóname, abuela..." O sussurro de Celit ecoou na mente de Daniel, claro como um sino, embora seus lábios não se movessem. Era uma dor íntima, roubada.

O Devorador de Ciclos rugiu, um som que não era som, mas uma distorção no próprio ar, atraído não só pelo farol das veias azuis, mas pela emoção crua, pelo sabor doce-amargo da memória e da perda que irradiava deles como calor. Suas garras de fumaça negra avançaram, rápidas como o tique-taque acelerado de um relógio condenado, direto ao núcleo da luz branca.

Combate + Fuga:

Daniel agiu com a precisão brutal do desespero. Usando a visão (3s de vantagem, um presente envenenado), ele mirou não o corpo de fumaça, mas o ponto onde os relógios quebrados se aglomeravam para formar o "rosto". Um chute potente, impulsionado pelo medo e pelo Muay Thai das ruas, enviou um servidor tombado pesadamente naquela direção. O impacto foi metálico, dissonante. Relógios voaram em estilhaços, engrenagens travaram com um rangido horrível.

Celit, mesmo com as mãos trêmulas, os olhos cheios da imagem da avó, costurou. Não uma armadilha, mas um portal mínimo – um círculo de luz dourada do tamanho de uma pizza, instável, piscando como uma lâmpada prestes a queimar, aberto diante do painel de fusíveis brilhantes.

Mas ao saltarem juntos, mãos entrelaçadas, para dentro da frágil esperança do portal...

Uma garra de fumaça negra, rápida como um raio, agarrou o tornozelo de Daniel. A dor foi instantânea, profunda – não de carne rasgada, mas de ossos virtuais trincando, de identidade sendo desfiada. Um grito escapou de seus lábios.

O movimento brusco, o puxão da garra, arrancou o remendo dourado do ombro de Celit. O objeto caiu no chão de metal com um tilintar metálico. Por um instante, liberou uma última labareda dourada, intensa e purificadora, que iluminou o horror absoluto, o desespero puro, estampado no rosto dela. Era o núcleo de sua força, sua proteção, sua sentença de morte... perdido.

Visão (3 segundos) → COMPARTILHADA (devido ao contato físico intenso e a perda do remendo):

O fragmento de agulha quebrada dentro de Celit (agora exposto, vulnerável) afundando mais fundo, perfurando seu coração e transformando-o instantaneamente em vidro negro, opaco, morto.

O Devorador, triunfante, devorando o remendo dourado caído no chão. Crescendo, suas formas de fumaça tornando-se mais sólidas, suas engrenagens internas ficando nítidas e ameaçadoras. Alimentado.

Neo-Lumen, a dimensão onde tudo começou, despedaçando-se como vidro sob um martelo cósmico, prédios de dados colapsando em silêncio absoluto, engolidos por um vazio sem estrelas.

Eles caíram através do portal instável, a garra de fumaça ainda grudada como uma sanguessuga ao tornozelo de Daniel. O último som que ouviram antes do vácuo os engolir foi o rugido triunfante, primitivo, do Devorador de Ciclos, ecoando através das ruínas do Sótano de Servidores.



## TEMPLO DOS DADOS

O salto não foi uma queda, mas uma expulsão. Eles foram jogados com força sob uma vasta cúpula que parecia feita de cristal líquido – substância que fluía e solidificava em padrões hipnóticos. Luz fria e pura emanava de todas as direções. Estátuas imponentes, esculpidas em bytes puros e luz coagulada, meditavam em pilares que subiam até se perderem na abóbada. O ar era frio e solene, cheirando a incenso digital (uma mistura de ozônio e algo floral impossível) e lágrimas antigas, secas há eras. No altar central, um holograma complexo girava lentamente: uma agulha dourada perfeita, entrelaçada com um fio de luz branca, projetando mapas estelares desconhecidos e equações matemáticas que doíam de se olhar.

"El Templo de la Memoria Digital..." O sussurro de Celit foi cheio de uma reverência dolorosa. Ela se encolhia, segurando o ombro onde o remendo fora arrancado. Sangue dourado, espesso e luminoso, escorria entre seus dedos pressionados, pingando no chão imaculado com um som metálico suave. "Aquí... se guardan los destinos rotos. Las historias inconclusas."

Daniel examinou seu tornozelo: onde a garra de fumaça o agarrou, marcas negras e luminosas queimavam a pele, desenhando padrões intrincados de circuito que pareciam cavar fundo, até o osso. A dor era uma faca fria e persistente enfiada na junta. "O Devorador... sabe que você está morrendo, não é?" Ele não olhou para ela, mas para o holograma da agulha. A imagem mudara, mostrando agora fragmentos de rupturas passadas – shoppings desmoronando em câmera lenta como sonhos ruins, florestas digitais sendo devoradas por uma névoa ácida e inteligente. Era um arquivo do caos.

Celit encostou numa coluna de luz. O holograma respondeu, projetando imagens mais nítidas, mais pessoais: crianças perdidas chorando entre dimensões fantasmagóricas, cidades inteiras dobrando-se como origami defeituoso sob forças invisíveis, rostos humanos se dissolvendo em pixels de angústia.

"Él... se alimenta de tiempo moribundo. De finales." Ela olhou para Daniel, seus olhos amendoados refletindo a luz dourada do holograma, mas também uma profunda tristeza. "Por eso me persigue. Mi tiempo... se acaba." Uma pausa, um suspiro que parecia custar-lhe esforço. "Y por eso te quiere también..." Ela apontou para as veias azuis pulsantes em seu braço. "... ecos también morrem. Son sombras con hora marcada. Y él... adora un banquete completo."

De repente, sem aviso, o holograma focalizou-se, ampliando uma imagem específica com violência, distorcendo os pixels até sangrarem significado:

O celular quebrado (o do acidente na entrega) em close extremo, sua tela estrelada pulsando com a mesma luz azul elétrica que agora corria nas veias de Daniel.

\*Uma mão feminina, inconfundível, com unhas pintadas de um verde-esmeralda profundo e hipnótico, deixando-o cuidadosamente no banco de trás do ônibus 514. Um gesto deliberado, uma armadilha plantada.\*

"¿Quién es?" Daniel aproximou-se do holograma, o coração batendo forte contra as costelas, o sangue azul latejando em sintonia com a imagem.

"Alguien que sabía... que tú tocarías," Celit respondeu, sua voz ficando mais fria, os olhos escurecendo de um reconhecimento amargo. "Alguien que... cosió nuestro encuentro. Una Tejedora de Desencadenantes. Una Tecedeira de Gatilhos."

O chão do Templo tremeu, não com violência, mas com uma inquietação profunda. Nas paredes de cristal líquido, mil olhos de TV se abriram como feridas digitais, todos sintonizados no mesmo canal de pesadelo:

FOME-TEMPO... FOME-ECOS... FOME-TEMPO... FOME-ECOS...

Daniel estendeu a mão para Celit, ignorando a dor aguda que irradiava das veias azuis até seus dentes, um sinal de alarme interno. "Vamos. Antes que ele devore mais que segundos." Antes que o banquete começasse.

Ela pegou sua mão, fraca, fria, mas com uma determinação de aço que surpreendeu. "Hacia la próxima costura, TI-boy."

O Devorador rompeu a cúpula como um projétil cósmico. Estilhaços de cristal líquido, afiados como navalhas, choveram sobre eles, cortando a pele, refletindo a luz distorcida. Eles correram, mancando, sangrando, em direção à única salvação visível: uma janela holográfica flutuante, um calendário antigo mostrando \*12 de agosto de 1999\*. Um portal para um passado específico, ou apenas outra armadilha?

Saltaram juntos, mãos entrelaçadas, enquanto atrás deles o Templo dos Dados, santuário das memórias perdidas, desmoronava com um gemido silencioso, engolido pela fome insaciável de um deus menor do tempo que não conhecia piedade.

---

## CAPÍTULO 3: A MÃO COM UNHAS VERDES

(... continuação após o salto no outdoor de pizza)

O salto através do calendário flutuante (\*12 de agosto de 1999\*) não foi uma transição, mas um **desenraizamento temporal**. Daniel e Celit foram arrancados do presente como dentes podres, caindo não no espaço, mas no *entre* de segundos esquecidos. O vácuo os cuspiu em um corredor infinito de espelhos distorcidos, cada reflexo mostrando uma versão truncada deles mesmos: Daniel com pernas de moto, Celit com agulhas saindo dos olhos, ambos fundidos em criaturas digitais. O ar era estático, pesado, carregado do cheiro de álcool isopropílico e velas de aniversário mofadas. Nas paredes de vidro fosco, sombras de pessoas que nunca existiram passavam apressadas, sussurrando números de telefone desconexos.

"¿Dónde caímos?" Celit encostou a mão sangrenta em um espelho. A imagem dela rachou como gelo fino.

"O lugar *entre* gatilhos," Daniel respondeu, tocando sua têmpora. As veias azuis pulsavam como cabos sob tensão. "Ela costurou armadilhas no tempo. Isso é a costura dela."

### O QUEBRA-CABEÇA DE VIDRO

Um único objeto flutuava no centro do corredor: **o celular quebrado da entrega**. Sua tela estrelada pulsava fraco, iluminando um rastro de fiapos digitais verdes que levavam a um espelho específico. Nele, a imagem não era deles, mas de uma mulher de costas, cabelos negros como asa de corvo, **unhas verdes-esmeralda** brilhando sob uma luz fria enquanto digitava em um teclado de cristal líquido.

"La Tecedeira," Celit sibilou. "*Está reescrevendo o gatilho inicial.*"

Para alcançá-lo, precisavam resolver o corredor:

- **Espelhos Mentais:** Refletiam medos íntimos. Daniel viu sua mãe esquecendo seu rosto; Celit viu a agulha quebrada penetrando seu coração.
- **Pisos de Memória:** Azulejos que mostravam momentos decisivos. Pisar no errado ativava armadilhas de estática que queimavam como ácido.
- **Armadilhas de Eco:** Sombras que se solidificavam tentando copiá-los, drenando energia com cada gesto imitado.

Daniel usou a **Visão (3 segundos)** para mapear caminhos seguros, mas cada uso **cristalizava** partes de suas veias azuis, transformando-as em vidro doloroso sob a pele. Celit costurava fios dourados sobre os azulejos traiçoeiros, mas seu sangue dourado pingava mais rápido, formando poças luminosas no chão.

Quando tocaram o celular flutuante, o espelho da Tecedeira **estilhaçou-se**. Não em cacos, mas em **fragmentos de tempo**:

*Fragmento 1: Uma criança (Luciana?) brincando com um Nokia 3310 dourado num parque com balanços oxidados.*

*Fragmento 2: O mesmo celular sendo inserido num mainframe enferrujado por mãos com luvas verdes.*

*Fragmento 3: O Devorador de Ciclos nascendo de uma tela de TV analógica, com Luciana gritando atrás do vidro.*

"Ella usó a menina como semente," Celit murmurou, horrorizada. "*Para criar o Devorador.*"

## A CHAMADA FANTASMA

Um toque de telefone cortou o ar – **som de disco antigo**, metálico e fantasmagórico. Veio do bolso de Daniel. Seu celular de entregas, desligado há eras, mostrava na tela rachada:

**"CHAMADA PERDIDA: LUCIANA".**

Ao atender, só havia estática... e depois uma voz infantil distorcida:

*"Pro... cura... o Su... catei... ro... Ele es... con... de... a chave... do... ú... tero..."*

A linha caiu. O celular desintegrou-se em pó. No chão, os fiapos verdes se reagruparam, formando uma seta que atravessava o espelho quebrado.

## FLORESTA DIGITORGÂNICA

Eles caíram em meio a uma floresta onde a biologia e o código colidiam:

- **Árvores** com troncos de fibra óptica pulsando luz âmbar, folhas de microchips que sussurravam em binário.
- **Rochas** de disco rígido rachado, musgo digital crescendo nas ranhuras.
- **Ar** carregado de esporos luminosos que coçavam a pele e mostravam memórias alheias quando inalados.

No centro, uma cabana feita de placas-mãe dos anos 90, telhado de disquetes. Fumaça saía de uma chaminé de tubo CRT. Na porta, um velho de óculos RA remendados examinava uma gaiola de Faraday onde um **besouro de placas de circuito** roía as barras com mandíbulas de silício.

*"Cortados,"* ele cuspiu, sem se virar. *"Assim chamamos quem escapa de Neo-Lumen... e traz pragas dimensionais."* Seus olhos pararam no marca-passo de Daniel, onde as veias púrpuras convergiam.

O aparelho piscava **11h:43m**.

*"Esse treco aí? Farol pra Rainha das Fibras. Ela vem buscar o que é dela."*

## A BARGANHA DAS ALMAS

Dentro da cabana, o ar vibrava com o lamento de máquinas torturadas:

- **Gaiolas** penduradas balançavam: uma sombra de wi-fi se contorcia em redes 5G; larvas de algoritmo mastigavam números romanos; um passarinho de emoticons piava "XD" em loop.
- **Cheiro** de óleo de fígado de bacalhau e solda fria.

Num altar de sucata (processadores antigos, cabos SCSI), sob uma redoma de vidro blindado, um **Nokia 3310 dourado** pulsava com luz morna. O velho – **Seu Geraldo** – tocou o vidro, voz rachando:

*"Minha filha, Luciana. Tumor cerebral. 2001. O corpo morreu... mas o sistema dela..."* Ele apontou para o Nokia. *"... ficou preso nisso aqui. Alma sem corpo, corpo sem sinal."*

### Revelação Sombria:

Ele coletava entidades dimensionais (os "cortados") para alimentar a gaiola da filha. A dor delas mantinha a alma de Luciana coesa, impedindo sua dissipação.

Só uma **Costureira de Rupturas** poderia recosturá-la num corpo novo.

*"Tecido morto precisa de linha viva,"* ele disse, olhando para Celit. *"E linha viva... custa sangue vivo."*

*"Faço isto,"* Celit adiantou-se, tocando o emblema cardíaco que pulsava em seu peito. Olhou para Daniel. *"Mas ele precisa sobreviver até lá. Suprime o veneno nele."*

Geraldo sorriu, mostrando um dente de circuito integrado. *"Temos um acordo. Mas primeiro..."*

Abriu um alçapão no chão. Sob a cabana, um **tanque de aço** borbulhava com líquido prateado.

Raízes biomecânicas mergulhavam no fluido.

*"Nanossolução de Faraday. Suprime venenos digitais... por tempo limitado. Mergulhe o braço."*

## O PREÇO DAS MEMÓRIAS

Daniel mergulhou o braço direito no líquido prateado. Imediatamente:

- As veias azuis **retraíram-se** como vermes assustados.
  - A visão ficou nítida, estável...
  - ... mas o líquido formou **rostos agonizantes** sob sua pele – ecos das almas dissolvidas ali.
- Gritos mudos ecoavam em seus ossos.

"*Efeito colateral*," Geraldo advertiu, conectando eletrodos de cobre às têmporas de Daniel. "*Cada uso lava uma memória feliz. Escolha qual perderá hoje.*"

Três memórias projetaram-se no vapor do tanque:

◆ **Ensinando a mãe a usar um celular:** Ela rindo ao confundir WhatsApp com freezer.

◆ **Primeiro beijo com Luísa:** Atrás do Extra, gosto de chimarrão e goma de mascar.

◆ **Ganho da CG 160:** Cheiro de gasolina nova e horizonte aberto.

"O beijo," Daniel escolheu, voz rouca. Celit apertou sua mão – um toque breve que queimou sua pele recém-curada.

Geraldo girou uma chave. "*Respire fundo. Vai doer na alma.*"

### Processo:

Seringas de plasma extraíram a memória como fios de luz âmbar. O líquido prateado ficou turbulento, cheirando a lágrimas salgadas. Por um segundo, Daniel esqueceu o **sabor dos lábios de Luísa**, a textura de seu cabelo. Um vazio frio tomou seu peito.

O besouro na gaiola guinchou:

"*FOME-MEMÓRIA!*"

## O CHAMADO DA RAINHA

Enquanto Celit preparava agulhas de luz dourada para o ritual no Nokia, Daniel notou:

- As gaiolas vibravam em uníssono, um coro de dentes rangendo.
- O rio de dados lá fora fluía em reverso, palavras desmontando-se em letras, depois em bits.
- Seu marca-passo piscava "**RAINHA PRÓXIMA**" em código Morse vermelho.

"*Ela vem*," Daniel alertou.

Geraldo checkou monitores feitos de microondas quebrados: "*P@#! Tão cedo? Só faltam 5 min –*"

**CRASH!** A parede da cabana **desabou**. O **Devorador-Rainha** emergiu:

- Corpo de **centopeia industrial** – rodas de trem enferrujadas como segmentos articulados.
- Cabeça de **servidor decapitado**, com ventoinhas por olhos soprando ar quente e fétido.
- De suas juntas, **Devoradores-besouros** jorravam como larvas metálicas famintas.

**MEU MARCA-PASSO!** O rugido dela não era som, mas uma **pressão** nos ossos, uma distorção no ar.

## O RITUAL INTERROMPIDO

Celit trabalhava freneticamente no Nokia:

- Fios dourados conectavam-se à tela monocromática.
- Uma voz de menina (cheia de estática) ecoava: "*Papai... dói... dói muito...*"
- O corpo translúcido de Luciana começava a se formar sobre o aparelho.

Geraldo lutava com um esmeril adaptado, decepando pernas da Rainha. "*Lulu, segura firme! Papai tá aqui!*" Lágrimas de óleo escorriam de seus olhos.

Daniel usou **Visão Focalizada (3 segundos limpos)**:

*Rainha mordendo Celit ao meio.*

*O Nokia quebrando.*

*Luciana dissolvendo-se em pixels gritantes.*

**Solução Radical:**

Correu até o tanque com uma mangueira oxidada. Jorrou o fluido prateado na Rainha.

**Efeito Catastrófico:**

O líquido **corroeu** seu corpo metálico como ácido. **Memórias roubadas** escaparam das feridas: rostos humanos, gritos de crianças, risos de festas inundaram a floresta como fantasmas holográficos.

A Rainha, desorientada, uivou:

**"ONDE ESTOU? QUEM SOU?"**

**A COSTURA DO ABISMO**

Na confusão, Celit finalizou o ritual:

- Cravou a agulha no coração do holograma de Luciana.
- Fios dourados envolveram a menina – seu corpo ficou **sólido**, vestido azul (moda 1999), pele translúcida com códigos subindo pela nuca.

Mas algo falhou.

Fios negros subiram das raízes biomecânicas, puxando Luciana para o solo.

*"Não! É a Rainha... ela está sugando-a!"* Geraldo gritou.

Daniel agiu:

Tocou na silhueta de Luciana com sua mão de veias azuis. **Liberou uma memória** (sua mãe rindo com o celular) como isca luminosa.

A Rainha, faminta por identidade, desviou-se para a memória, abrindo a boca-rasgo.

## SACRIFÍCIO E FANTASMA

Luciana materializou-se por um instante:

*"Obrigada... mas estou presa em outro lugar."* Apontou para o devorador-besouro na gaiola. Dentro dele, um minúsculo **vestido azul brilhava**.

Geraldo entendeu, pálido: *"Lulu... você está dentro da praga?"*

A menina assentiu, dissipando-se em névoa dourada: *"A Rainha guarda os pedaços que come... na primeira cria."*

O besouro agitou-se, cuspidando um objeto no chão:

**Um fragmento de agulha quebrada**, idêntico ao que estivera no ombro de Celit.

## GANCHO FINAL: A AGULHA QUEBRADA

Celit pegou o fragmento. Suas mãos tremeram não de fraqueza, mas de **reconhecimento primordial**.

Revelação:

*"Luciana... fue la primera Costurera devorada. Su fragmento... generó todos los otros."* Seu olhar encontrou o de Daniel. *"Incluso... el mío."*

A Rainha recuperou-se, rugindo: **"DEVOLVAM MINHA SEMENTE!"**

Geraldo abriu todas as gaiolas. *"Fujam!"*

Enquanto criaturas digitais atacavam a Rainha, Daniel puxou Celit para o rio de dados.

*"Para onde?"* ela gritou, segurando o fragmento como uma relíquia sagrada.

Ele apontou para uma placa de propaganda submersa nas águas de bits:

***"SHOPPING TOP CENTER - LIQUIDAÇÃO INFERNO!"***

Onde tudo começara.

Saltaram na água enquanto o Devorador-Rainha engolia Seu Geraldo, seu grito de pai perdendo-se no gargarejo de dados.



---

## CAPÍTULO 4: WIFI SANGUE

O mergulho no rio de dados foi como ser digerido por um algoritmo faminto. Daniel e Celit emergiram não em água, mas numa **praça de alimentação inundada por calda química rosa**, borbulhante e ácida, que queimava como soda cáustica nas fissuras da pele. O ar pesava com o cheiro doce-rançoso de **pipoca irradiada** e **carne de pombo-biônico** assando em espetos rotativos, suas penas de fio de cobre brilhando sob luzes neon. O Shopping Top Center não era mais ruína – era uma **entidade viva e agonizante**:

- **Vitrines** sangravam pixels vermelhos que escorriam para valas de lixo luminoso, onde sombras digitais se contorciam.
- **Manequins** com unhas verdes giravam cabeças de poliestireno, segundos-os com olhos vazios onde baratas de circuito depositavam ovos de LED.
- Anúncios piscavam: "*LIQUIDAÇÃO INFERNO! 99% OFF SUA ALMA!*", iluminando poças de **sangue digital** que fumegavam no chão rachado.

Daniel caiu de joelhos na lama rosa. O marca-passo (**05h:17m**) fundia-se ao seu esterno, emitindo chiados de rádio policial: "*ATENÇÃO: ZONA DE EVACUAÇÃO NIVEL 5*". As veias púrpuras formavam **circuitos sob sua pele**, iluminando ossos como fiação exposta em raio-X.

"¿Dónde está el fragmento?" Celit sacudiu-o, dedos congelando seu ombro. O ombro dela, onde o remendo fora arrancado, pulsava com luz âmbar fraca.

Ele abriu a mão. O pedaço de **agulha primordial** pulsava com luz sangue-seco, projetando hologramas mínimos: Luciana gritando dentro do besouro, Seu Geraldo sendo engolido pela Rainha.

## O QUIOSQUE DAS ALMAS PERDIDAS

Um estande de fotos 3D chamava como um vórtice. Fotos de **desaparecidos** (humanos e glitches) coladas como papel de parede. No balcão, uma urna de vidro com um **cérebro flutuando em formol digital**, conectado a cabos USB que sugavam memórias em fios de luz trêmula.

*"Passaportes dimensionais! Só hoje: 2 memórias felizes por viagem!"*

A voz era da **Tecedeira**, saindo de auto-falantes podres.

Ela surgiu como holograma acima da urna, unhas verdes brilhando como facas esmeraldas:

*"Voltaram pra casa, Ecodeontes? Adorável." Seu sorriso era um GIF travado. "Ofereço um pacto final:*

*Devolvam o fragmento primordial... e eu extraio o veneno dele."*

**CRUNCH!** Um manequim canibal arrancou a asa de um pombo-biônico e mastigou, olhos de botão fixos em Daniel.

## A ARMA SECRETA DA TECEDEIRA

O holograma projetou 12 versões de Celit sendo devoradas por Rainhas diferentes – algumas com garras de relógio, outras com bocas de HD.

*"Sem o fragmento, ela te suga em 48 horas," a voz era melífla. "Mas eu? Posso apagar sua dor agora."*

Materializou uma **seringa de néon azul** no balcão. Dentro, minúsculas agulhas de luz nadavam como parasitas.

*"Uma injeção, Daniel. E você volta para sua mãe... num campo sem wi-fi."*

Celit agarrou seu pulso:

*"¡Es cripto-veneno! ¡Te transformará en un nó temporal!"*

Mas Daniel via:

- O líquido azul apagando suas veias.
- Celit sorrindo – expressão rara como um bug benéfico.

Tentado, ele estendeu a mão...

## O ATAQUE DOS BEBÊS-DEVORADORES

**SHREEEEEEK!** Dezenas de **Devoradores-besouros** irromperam de tubulações de ar, guiados pelo farol azul no peito de Daniel. Seus corpos eram placas-mãe com pernas de arame farpado, cada um carregando um **fragmento de agulha** idêntico ao primordial.

### **Pânico:**

- Celit costurou cortinas metálicas com agulhas de luz, mas os besouros roeram os fios com dentes de silício.
- Daniel tentou usar a visão, mas só viu **sangue e estática** – o veneno bloqueava seu dom.

A Tecedeira ria: "*Paguem o pedágio ou viraram ração para meu útero!*"

Foi quando notaram:

Os besouros cuspiam fragmentos no **poço do elevador quebrado**. Formavam um **útero digital pulsante** de fios negros. Dentro, a Rainha regenerada mexia-se como um feto monstruoso.

## O NINHO DA RAINHA

Celit empalideceu:

*"¡Está gestando un Devorador-Alfa! ¡Puede roer realidades como papel!"*

A Tecedeira apareceu ao lado deles, **física agora**:

- Vestido de **fibra óptica** que mudava de cor.
- Unhas verdes alongadas como bisturis.

*"Decisão, queridos: Me dão o fragmento (eu implodo o útero)... Ou assistem ao apocalipse gourmet."*

## O SACRIFÍCIO (FALSO)

Daniel deu um passo. "*Toma.*" **Jogou o fragmento no útero pulsante.**

A Tecedeira gritou: "*IDIOTA!*"

A Rainha uivou de êxtase: "*SIM!*"

Mas o fragmento **não se fundiu** – flutuou como isca.

**ISCA.**

Daniel correu na direção oposta – direto ao útero. "*Tô cheio de veneno, né?*" **Sangrava por olhos e ouvidos**, veias púrpuras cristalizando-se como geada. "*Vem comer, Rainha!*"

## ARMADILHA FINAL

Ele tocou o útero com as mãos púrpuras.

### Visão Amplificada Pelo Veneno (3 segundos):

- Rainha devorando-o junto ao fragmento.
- Celit injetando a seringa azul roubada no útero.
- A Tecedeira gritando enquanto seu corpo desmancha em pixels verdes.

### Realidade:

- Ao ser engolido, Daniel **cravou o marca-passo** na parede uterina.
- Celit **espetou a seringa** no ponto mais fraco.

### Efeito dominó:

1. O líquido azul **congelou o útero** em vidro fractal.
2. O marca-passo (00h:01m) **sobrecarregou**, drenando energia da Rainha.
3. A Tecedeira, conectada ao útero, **desintegrou-se** em lascas de esmeralda.  
"NÃÃÃOOO! EU SOU A COSTU – " – voz cortada por estática.

## REVELAÇÃO NO ABISMO

O útero rachou. Daniel caiu no vã, mas **mãos de dados** o amorteceram – **Luciana**, fantasma mais sólido:

"O *fragmento primordial... nunca foi arma.*" Apontou para seu peito. "*É uma chave para o Cofre das Costureiras... dentro de você.*"

Onde o marca-passo fundira, agora havia:

- Um **emblema dourado**: agulha cruzada com fio.
- Pulsando em sincronia com o **coração de Celit**.

A Rainha, semi-destruída, arrastou-se para o poço:

"ME DEVOLVA... MINHA SEMENTE!"

Luciana sussurrou:

"O Cofre guarda a primeira costura. Quebre-a... e tudo desfia."



## GANCHO FINAL: O ÚLTIMO SALTO

Celit saltou no poço, agarrando Daniel:

*"¡Hay que ir a Neo-Lumen! ¡Solo allí el Cofre pode ser aberto!"*

Do útero congelado, **mãos verdes** emergiram – a Tecedeira, agora só **esqueleto digital**, agarrou seus tornozelos:

*"Vocês... VÃO... PAGAR!"*

Daniel tocou o emblema. *"Shopping Top Center... nunca mais."*

Desapareceram em fios dourados, enquanto o shopping colapsava. No chão, entre escombros, o **Nokia 3310** de Luciana piscava:

***"BUSCA: COORDENADAS PRIMORDIAIS - ACEITAR?"***

---

## CAPÍTULO 5: O SUCATEIRO DE ALMAS

A queda através dos fios dourados não teve fim — foi um **rasgar contínuo do espaço-tempo**. Quando aterrissaram, Neo-Lumen estava em **agonia terminal**:

- **Céu** rachado como vidro de automóvel, mostrando o vácuo negro onde estrelas-binárias morriam em *pixels agonizantes*.
- **Prédios de dados** desmoronavam em *câmera lenta*, blocos de código púrpura explodindo em *poeira algorítmica* que cheirava a chip queimado.
- **Sons** de colapso estrutural fundiam-se a gritos digitais — *crianças perdidas entre firewalls*.

No epicentro do caos, uma cabana feita de **placas-mãe dos anos 80** resistia. Telhado de *discos vinil rachados*, chaminé fumegando **óleo de cobra digital**. Na porta, um velho — **Seu Geraldo** — soldava uma gaiola de Faraday com ferro de *plasma*.

"Cortados!" Ele cuspiu um jato de fluido de radiador. "*Só sobrevivem aqui os que pagam em memória!*" Seus óculos de RA mostravam *preços flutuantes* sobre Daniel e Celit: "**ALMA: 5TB / ECO: 3TB**".

## O MERCADO DE FALHAS

Dentro, cabines de realidade virtual enferrujadas exalavam **cheiro de suor virtual**:

- **Cabine 1:** Um homem revivia o beijo perdido da esposa, enquanto *larvas de RAM* devoravam seus pés digitais.
- **Cabine 2:** Uma menina com braços de fio óptico lutava contra um *fantasma de spam* com forma de ursinho.
- **Parede Direita:** Pendurados como *presuntos*, **fragmentos de Costureiras** mortas brilhavam em frascos de formol.

Seu Geraldo apontou uma chave-inglesa para o emblema no peito de Daniel:

"Esse cofre aí? Só abre com sangue de Costureira fresca... e uma alma pra lubrificar as engrenagens." Olhou para Celit. "Sua amiguinha tá virando vidro por dentro. Dou 2 horas nela."

Celit ergueu o fragmento primordial:

"Sabemos que Luciana fue la primera. Onde está seu núcleo?"

Geraldo congelou. Das paredes, *vozes infantis* sussurraram:

"Papai... dói... dói muito..."

---

## CAPÍTULO 6: O INFERNO É UM SHOPPING

A queda no rio de dados foi um **processo digestivo**. Daniel e Celit emergiram engasgando **calda química rosa** que borbulhava como ácido estomacal, corroendo as bordas das roupas e deixando a pele em *falsas feridas luminosas*. O ar pesava com o cheiro doce-rançoso de **pipoca irradiada** e **carne de pombo-biônico** assando em espetos rotativos — um banquete para criaturas que não existiam. O Shopping Top Center não era mais ruína: era um **organismo agonizante**, pulsando com veias de neon azulado sob pisos rachados:

**Vitrines** sangravam pixels vermelhos que escorriam para valas de lixo, onde *dedos digitais* pescavam restos de memória.

**Manequins** com unhas verdes giravam cabeças de poliestireno, *clicando* ao se moverem, olhos vazios habitados por baratas de circuito que piscavam **0 e 1**.

Anúncios piscavam em telas rachadas: "**LIQUIDAÇÃO INFERNO! 99% OFF SUA ALMA!**", iluminando poças de **sangue digital** que fumegavam com cheiro de solda.

Daniel caiu de joelhos na lama rosa. O marca-passo (**05h:17m**) fundira-se ao esterno, emitindo chiados de rádio policial:

**"ATENÇÃO: ZONA DE EVACUAÇÃO NIVEL 5. ABANDONAR CORPOS."**

Sob sua pele, as veias púrpuras formavam **circuitos expostos**, iluminando ossos como fiação sob UV.

"¿Dónde está el fragmento?" Celit sacudiu-o, dedos gelados queimando seu ombro. Seu macacão luminoso apagava-se em remendos.

Ele abriu a mão. O **fragmento primordial** pulsava com luz sangue-seco, projetando hologramas mínimos:

Luciana gritando dentro do besouro.

Seu Geraldo sendo engolido pela Rainha.

Um *fio dourado* ligando-o ao peito de Celit.

## O QUIOSQUE DAS ALMAS PERDIDAS

Um estande de fotos 3D irradiava **luz ultravioleta**, atraindo como vaga-lume venenoso:

**Paredes:** Coladas com fotos de *desaparecidos* — rostos humanos fundidos a glitches dimensionais.

**Balcão:** Uma urna de vidro com **cérebro flutuando em formol digital**, conectado a cabos USB que sugavam memórias em fios de luz âmbar.

**Cheiro:** Baunilha podre e óleo de motor.

*"Passaportes dimensionais! Só hoje: 2 memórias felizes por viagem!"*

A voz da **Tecedeira** saía de auto-falantes estourados.

Ela surgiu como holograma acima da urna, unhas verdes brilhando como facas esmeraldas:

*"Voltaram pra casa, Ecodeontes? Adorável."* Seu sorriso era um GIF travado entre *dor* e *êxtase*.

*"Devolvam o fragmento primordial... e eu extraio o veneno dele."*

**CRUNCH!** Um manequim canibal arrancou a asa de um pombo-biônico. Mastigou *tendões de fio de cobre*, olhos de botão fixos em Daniel.

## A ARMA SECRETA DA TECEDEIRA

O holograma projetou **12 versões de Celit** sendo devoradas:

Por uma Rainha com *garras de ponteiro de relógio*.

Por outra com *boca de HD* cuspiendo ácido binário.

"*Sem o fragmento, ela te suga em 48 horas,*" a voz era mel de veneno. "*Mas eu? Apago sua dor agora.*"

Uma **seringa de néon azul** materializou-se no balcão. Dentro, minúsculas agulhas de luz nadavam como parasitas.

"*Uma injeção, Daniel. Você volta para sua mãe... num campo sem wi-fi.*"

Celit agarrou seu pulso, unhas cravando sua pele:

"*¡Es cripto-veneno! ¡Te transformará em um nó temporal!*"

Mas Daniel via:

O líquido azul *apagando* suas veias.

Celit sorrindo — expressão *rara como um bug benéfico*.

Ele estendeu a mão...

## O ATAQUE DOS BEBÊS-DEVORADORES

**SHREEEEEK!**

Dezenas de **Devoradores-besouros** irromperam de tubulações de ar, guiados pelo farol azul no peito de Daniel. Seus corpos eram *placas-mãe com pernas de arame farpado*, cada um carregando um **fragmento de agulha** idêntico ao primordial.

**Pânico:**

Celit costurou *cortinas metálicas* com agulhas de luz. Os besouros roeram os fios com *dentes de silício*, cuspidos estilhaços de código.

Daniel tentou usar a visão — só viu **sangue e estática**. O veneno bloqueava seu dom.

A Tecedeira ria dos alto-falantes:

*"Paguem o pedágio... ou viraram ração para meu útero!"*

Os besouros cuspiam fragmentos no **poço do elevador quebrado**. Os pedaços fundiram-se, formando um **útero digital pulsante** de fios negros. Dentro, a Rainha regenerada mexia-se como um feto monstruoso, *som de batimento cardíaco* amplificado por subwoofers.

## O NINHO DA RAINHA

Celit empalideceu, segurando o ombro ensanguentado:

"*¡Está gestando un Devorador-Alfa! ¡Puede roer realidades como papel!*"

A Tecedeira surgiu ao lado deles, **física e tátil**:

Vestido de **fibra óptica** que mudava de cor como lágrima de óleo.

Unhas verdes alongadas em *bisturis de esmeralda*.

"*Decisão, queridos: Me dão o fragmento... ou assistem ao apocalipse gourmet.*"



## O SACRIFÍCIO (FALSO)

Daniel deu um passo. "*Toma.*" **Jogou o fragmento no útero pulsante.**

A Tecedeira gritou: "*IDIOTA!*"

A Rainha uivou: "*SIM!*"

Mas o fragmento **não se fundiu** — flutuou como isca.

**ISCA.**

Daniel correu na direção oposta, **direto ao útero**, gritando:

"*Tô cheio de veneno, né? VEM COMER, RAINHA!*"

Sangue jorrava de seus olhos e ouvidos, veias púrpuras *cristalizando-se* como geada mortal.

---

## CAPÍTULO 7: AS PORTAS DO ÔNIBUS 514

A chuva escorria pelos fios de energia como serpentes líquidas, refletindo tons de neon que manchavam o céu com cores artificiais. Daniel parou na calçada encharcada da Avenida Cruzeiro do Sul, onde o ônibus 514 – o mesmo de sua primeira visão distorcida – estacionava lentamente com um rangido metálico que soava mais como lamento do que como freio.

O letreiro digital piscava: **"PONTO FINAL: MEMÓRIA PERDIDA"**.

Celit, agora vestida com um sobretudo de tecido digital que pixelava levemente nas bordas, olhou para Daniel. Seu rosto estava mais firme, menos febril – o efeito colateral da cura parcial após o ritual da agulha de ônix. Mas o olhar... o olhar carregava mil camadas de dor não verbalizada.

"¿Estás seguro que esse es el ponto?" perguntou ela, com voz baixa.

Daniel assentiu. As visões não mentiam, apenas fragmentavam a verdade. E todas terminavam aqui: um ônibus abandonado, portas semiabertas como uma ferida que se recusa a cicatrizar. Eles subiram os degraus em silêncio. O interior do ônibus estava coberto por poeira de bits e cheiro de isolamento elétrico. Assentos estavam ocupados por figuras congeladas em pixel estático – passageiros de outras linhas temporais, outros fracassos.

No fundo, havia um banco vazio. Um único celular estava ali – o mesmo modelo que iniciou tudo. Tela estrelada. Unhas verdes. Uma lembrança implantada.

"Ela nos espera," sussurrou Celit. "La Tecedeira... deixou outro portal."

Daniel se aproximou do aparelho. Não o tocou. Não ainda. As veias púrpuras em seu braço tremiam como sensores de proximidade emocional. Ele fechou os olhos e a visão veio involuntária:

**Visão (3 segundos):** O ônibus andando em marcha à ré em uma rua impossível, sem motoristas. As janelas se fechando como olhos assustados. Celit sendo sugada por uma poltrona viva. A Tecedeira sorrindo, mãos cruzadas, enquanto telas explodem ao redor.

Daniel abriu os olhos. "É uma armadilha."

Celit já empunhava sua agulha de luz, a ponta oscilando entre dourado e âmbar.

A voz surgiu do alto-falante do ônibus, como um sussurro cruzado por estática:

**"Se querem respostas... passem pelas portas."**

O ônibus inteiro tremeu. As janelas mostraram não a rua externa, mas **fragmentos de memória**: Daniel criança montando uma bicicleta com o pai; Celit costurando lágrimas no céu de Neo-Lumen com sua avó. O tempo desfiava.

Então, as portas do ônibus se multiplicaram. Não duas, mas doze. Cada uma numerada de forma errática: 0x0A, -1, ∞, 1999, 404...

Daniel sentiu sua cabeça girar. Era um quebra-cabeça cósmico. A Tecedeira havia transformado a realidade num labirinto.

**"Qual porta é real?"**

Celit respirou fundo, seus dedos tocando as marcas do fragmento que antes a corroía. "A única que não te reconhece. A que não nos quer."

Daniel compreendeu. A Tecedeira sempre trabalhava com gatilhos. Se todas aquelas portas foram feitas para atraí-los, a saída estaria naquela que rejeitava sua presença.

A porta 404 – símbolo clássico de erro, de ausência. Inesperada.

Eles a escolheram. Quando tocaram a maçaneta, o ônibus gritou. Literalmente.

**"ERRO DE CARGA! INTEGRIDADE TEMPORAL CORROMPIDA!"**

Mas já era tarde. Foram engolidos pela luz branca.

---

Despertaram em queda livre. Um céu sem textura se estendia ao redor — um vazio entre servidores de mundos, a camada onde o código cru da existência se esconde. Daniel via fragmentos de si mesmo flutuando: suas decisões, suas culpas, seus fracassos.

Celit tentava costurar a queda em tempo real, lançando agulhas que criavam breves plataformas de dados.

"¡No podemos caer por siempre!" ela gritou, puxando Daniel para uma dessas estruturas momentâneas.

Lá embaixo, uma cidade feita de aço corroído e telas azuis se aproximava — uma versão distorcida de São Paulo, onde o tempo havia parado nos anos 2000 e tudo era loop.

Uma nova fase os aguardava.

---

## CAPÍTULO 8: GUERREIRAS DO TECIDO

A queda terminou abruptamente. O impacto foi suavizado por uma espessa camada de banners flutuantes de antigas propagandas da internet. Daniel se ergueu tossindo, afastando do rosto um anúncio transparente de antivírus de 2003.

Celit caiu de joelhos ao lado dele, as mãos pressionando o chão como se quisesse decifrar seu código.

A cidade ao redor era uma São Paulo dobrada: ruas que começavam em viadutos e terminavam em telhados, postes que cuspiram luz líquida, prédios com janelas de tela azul congeladas em erro fatal. Era uma metrópole em colapso, um palimpsesto de tecnologias superpostas.

"Este lugar... não tem lógica temporal," murmurou Daniel.

"Es una zona costurada ao avesso," disse Celit. "Solo sobrevivem os que sabem onde pisar."

Um silvo cortou o ar. Do alto de um prédio espelhado, uma figura desceu com velocidade felina: uma mulher de armadura feita de teclas de notebook, fios de fibra óptica trançados como cabelo.

"Quem invade o território das Guerreiras sem oferecer um tributo de dados?" disse ela, com voz robótica e ancestral ao mesmo tempo.

Celit se pôs de pé com dificuldade, mas firme.

"Viemos buscar a memória primária — a primeira ruptura da Tecedeira. Ela passou por aqui."

A guerreira analisou Daniel com olhos que pareciam scanners. "Você carrega veneno de tempo... e ela, as últimas linhas da avó esquecida. Talvez haja um eco a ser ouvido. Venham."

Elas os levaram para o subterrâneo de um prédio semi-virtualizado, onde dezenas de outras guerreiras — cada uma com uma estética digital distinta — treinavam com espadas de luz comprimida e lanças de bitquânticos. No centro, uma tapeçaria viva projetava a história das rupturas.

"A Tecedeira era uma de nós," disse a líder. "Foi banida quando tentou costurar o fim do tempo para si mesma."

A tapeçaria os mostrou: a Tecedeira jovem, costurando em segredo um artefato proibido — o Tear Final.

"Onde está agora?" perguntou Daniel.

"No centro do Loop. Lá onde os segundos se repetem e os gritos não têm eco. Mas só atravessa quem queimar a própria linha."

Celit olhou para Daniel. "¿Listo para perder tudo otra vez?"

Ele pegou uma das agulhas de treinamento.

"Vamos costurar uma saída."

---

## CAPÍTULO 9: O AÇOUGUE DIMENSIONAL

As plataformas de dados desintegraram-se sob seus pés logo após o salto. Quando abriram os olhos, estavam em um galpão escuro com cheiro de carne crua e eletricidade estática. Luzes fluorescentes tremeluziam no teto, revelando ganchos pendurados e esteiras cobertas por componentes cibernéticos misturados com vísceras humanas.

"¿Qué clase de lugar es este...?" sussurrou Celit, os olhos tentando processar a paisagem doentia. Daniel se aproximou de uma bancada metálica. Um braço humano com circuitos saía de um console. A carne ainda estava quente. Ele engoliu em seco. A dor em suas veias púrpuras aumentava conforme se aproximava das máquinas.

"Um açougue," respondeu, "mas não só de carne. De identidades."

Uma figura surgiu no fundo da sala — gigantesca, vestida com um avental feito de placas-mãe, a máscara de solda substituída por um monitor de tubo. A cada passo, ele rangia como um HD antigo tentando iniciar.

"Bem-vindos ao meu estoque de redundâncias," disse o ser com voz arrastada, quase preguiçosa, mas com tons de ameaça. "Eu sou o Açougueiro. Curo ecos quebrados... ao preço da fragmentação."

Celit se colocou à frente de Daniel. "¡No queremos ser curados por ti!"

"Não? Então vieram buscar. Devo presumir que... a Tecedeira mandou vocês."

O ambiente se fechou como um casulo de metal. Portas desapareceram. Telas no teto começaram a exibir imagens desconexas: Daniel como entregador; Daniel em Neo-Lumen; Daniel morrendo em dezenas de variações.

"Ela te multiplicou, garoto," disse o Açougueiro. "Você é a falha mais produtiva dela. Cada salto seu cria um corte. Cada corte, um mercado. E eu... lucro com cortes."

Do teto, braços robóticos desceram. Um deles prendeu Celit pelo pulso.

**Visão (3 segundos):** A lâmina cirúrgica abrindo o peito dela, revelando um coração feito de agulhas partidas.

Daniel gritou: "NÃO!"

Saltou contra os braços, usando a visão para prever seus movimentos. Quebrou um, depois outro.

Celit se libertou e atirou sua agulha de luz como uma flecha.

O impacto foi direto no monitor do Açougueiro. Faíscas voaram.

Mas o monstro apenas gargalhou, mesmo com fumaça saindo de seu rosto.

"Vocês acham que podem sair? Nem toda costura é reversível. Nem todo erro... se desfaz."

Daniel viu uma última tela ativar-se. Nela, uma imagem congelada: ele, segurando o celular da primeira entrega, segundos antes da primeira visão.

"Esse momento... foi um looping plantado. Você nunca teve escolha."

O chão se abriu. Eles caíram novamente — não para baixo, mas para dentro da imagem.

E foram tragados pelo passado.

---

## CAPÍTULO 10: FORJA DE ALMAS

Quando emergiram do looping, estavam em um deserto de concreto pixelado. O céu era uma aba suspensa de código HTML corrompido, piscando entre "404 NOT FOUND" e trechos desconexos de mensagens antigas de fórum. O ar cheirava a ferro queimado e promessas esquecidas.

Ao longe, uma estrutura oval brilhava: uma cúpula metálica com chamas azuis circulando sua base. Parecia viva. Suas paredes pulsavam como se respirassem. No alto, o letreiro oscilava:

### **"FORJA DE ALMAS - ENTRADA RESTRITA A ECOS"**

Celit hesitou. Daniel, no entanto, sentia o chamado como se o lugar o reconhecesse. Suas veias púrpuras vibravam com sincronia com o fogo azul ao redor da cúpula.

"Este lugar... é meu reflexo," disse ele, com voz baixa. "Foi forjado com fragmentos de mim."

A entrada se abriu sozinha, com um sibilo que parecia um suspiro cansado.

Dentro, a forja parecia uma catedral de máquinas. Hologramas de almas quebradas dançavam sobre trilhos de metal. Vozes sussurravam em línguas esquecidas. Em um altar central, havia um molde em forma humana — metade vazio, metade preenchido com luz líquida.

Um ser surgiu da névoa digital. Era feito de vidro negro e linhas de comando. Um ferreiro ancestral, olhos como terminais piscando.

"Ecos não deveriam existir. Mas já que existem, precisam ser consolidados," disse. "Está pronto para se tornar inteiro? Mesmo que isso signifique apagar os outros?"

Daniel olhou para Celit. Ela não disse nada. Apenas segurou sua mão.

**Visão (3 segundos):** Ele fundido com o molde. Dor. Gritos. Depois silêncio absoluto. Uma nova consciência surgindo. Com memória única. Com identidade singular. Mas... sem Celit.

"O que significa 'tornar-se inteiro'?" perguntou Daniel.

"Significa deixar de ser ruptura. Tornar-se linha contínua. Significa escolher um fim." Silêncio.

"E se eu quiser continuar múltiplo?"

O ferreiro riu. "Então você não quer ser real. Quer ser ruído. Quer ser... esperança."

Celit apertou sua mão.

Daniel deu um passo para trás. "Não hoje. Ainda temos pontos a costurar."

A cúpula tremeu. O molde rachou. O altar queimou em luz branca.

O ferreiro desapareceu dizendo:

"Você será caçado até o último eco. Mas talvez... seja isso que te tornará inteiro."

As portas se abriram para uma nova paisagem — um cemitério de dados, onde placas de rede brotavam como lápides. Um novo caminho. Um novo capítulo.

---

## CAPÍTULO 11: ECOFANTASMA

O cemitério de dados se estendia por quilômetros, uma planície silenciosa onde as memórias esquecidas da humanidade juncavam o chão como folhas mortas de um outono digital. Placas-mãe corroídas e torres de servidores enegrecidos emergiam como lápides de um tempo que não teve backup. Era um lugar onde as vozes do passado ecoavam apenas na mente dos que ainda se lembravam.

Daniel e Celit caminhavam lado a lado, seus passos ressoando como sinais de rede perdidos. O vento não era ar — era cache expurgado, sopros de arquivos temporários cheirando a ozônio e poeira magnética. O céu, uma abóbada pixelada, oscilava entre o roxo profundo e o âmbar pulsante, como se o próprio tempo estivesse respirando com dificuldade.

“Estamos sendo observados,” murmurou Celit, seus olhos de âmbar escaneando o horizonte.

Daniel já sabia. Não porque ouvira algo. Mas porque sentia a pressão — como quando uma aba de navegador travada força o processador a aquecer. Sua pele ardia. As veias púrpuras começaram a brilhar em tons esverdeados, respondendo a um campo invisível.

Então veio o som. Não um grito. Não um rugido. Mas o arrastar arranhado de uma alma gravada em fita cassete, sendo rebobinada de forma errada. Rasgando.

Do nevoeiro digital surgiu uma figura translúcida: o Ecofantasma. Uma sombra em looping de Daniel mesmo — os olhos queimando estática, a boca emitindo apenas ruídos de modem antigo. Sua forma se movia em cliques, como um vídeo corrompido reproduzido em baixa resolução.

Celit deu um passo à frente. "¡Eso... es tu reflejo corrupto!"

Daniel não respondeu. Estava hipnotizado. O Ecofantasma replicava seus gestos, com um leve atraso. Mas cada vez que fazia isso, perdia um pouco de sua forma. Como se existisse apenas enquanto fosse imitação.

Visão (3 segundos):

O Ecofantasma tentando entrar em seu corpo pela boca. Celit gritando. Uma explosão de memórias falsas. O rosto da mãe de Daniel — distorcido em mil versões.

Ele piscou forte, suando frio. "Ele quer me substituir. Roubar meu núcleo."

"¡Entonces no lo dejes!"

Daniel sacou a agulha dourada que recebera das Guerreiras do Tecido. Ela brilhava como se se lembrasse do que deveria costurar — ou destruir. O Ecofantasma avançou como um glitch, atravessando cabos, voando entre ruídos e partículas de RAM morta.

No impacto, Daniel sentiu o toque: era como ser empurrado contra todas as versões de si mesmo que nunca se concretizaram. O Daniel que fugiu. O que morreu no primeiro salto. O que aceitou o disco da Tecedeira. O que traiu Celit. Eles gritavam dentro dele.



Celit jogou um fio de luz, costurando em volta do espectro. Prendeu-o por um segundo. Tempo suficiente.

Daniel perfurou o peito do Ecofantasma com a agulha.

Erro de execução: Memória duplicada não reconhecida. Recalibrando...

O fantasma explodiu em um gemido de bytes, fragmentos de arquivos corrompidos chovendo ao redor. Mas algo ficou no ar. Uma presença tênue. Um sussurro.

"Ainda não sou o último..."

Celit respirava ofegante. "Quantos... ecos ainda existem?"

Daniel olhou ao redor. O cemitério de dados agora parecia infinito.

"O suficiente para que a Tecedeira nunca precise parar."

Eles seguiram em frente. Mas agora, cada passo ecoava com um atraso, como se a realidade estivesse tentando replicá-los — e falhando.

A presença do Ecofantasma se fora.  
Mas sua promessa não.

---

## CAPÍTULO 12 - "CEMITÉRIO DE PEÇAS PERDIDAS"

Daniel acordou preso a uma **teia de artérias digitais**, suspenso sobre um abismo de lixo tecnológico pulsante. O ar cheirava a **ferro velho e lágrimas**. Ao redor, corpos flutuavam em cápsulas de vidro:

- **Mães** com cabos USB implantados na nuca.
- **Crianças** conectadas a monitores cardíacos que exibiam "GAME OVER".
- No centro, **Clara**, mãe de Daniel, com **firos de prata** extraídos de suas veias, alimentando um **reator de sangue** abaixo.

*"Bem-vindo ao seu legado, filho,"* a voz da Rainha ecoou das paredes. *"Humanidade é hardware descartável."*

## O ANTÍDOTO E O VERDUGO

Daniel quebrou as artérias que o prendiam. Seu braço-fantasma **reformou-se como uma chave de fenda sangrenta**. Avançou para Clara, mas:

- Cada passo fazia o reator de sangue borbulhar.
- Fios prateados de Clara enfraqueciam.

*"Toque nela... e seu sangue vira combustível para minha ascensão," a Rainha riu. "Ou fuja... e assista-a definhar."*

Celit surgiu em uma **explosão de gelo digital**, congelando artérias que tentavam capturá-la:  
*"¡Encontrei! El reactor tiene un núcleo de **memória física** – una foto tuya de niño."*

Mostrou um **polaroid enrugado**: Daniel de 5 anos, abraçando a mãe diante de uma moto quebrada.

### Revelação Cruel:

- A foto era o **coração do reator**.
- **Destruí-la** mataria Clara e a Rainha.
- **Preservá-la** condenava todos.

## A CHUVA DE UNHAS VERDES

A Rainha atacou:

- **Garras de sangue** dispararam do teto.
- **Strike de Muay Thai:** Daniel desviou com *tecnica de elevação de joelho*, mas uma garra o perfurou no ombro.
- **Sangue-fantasma jorrou** – e onde pingou, o **reator enfraqueceu**.

*"TeU sAnGue É vENenO pArA eLa!"* Celit percebeu. *"¡Usa-te contra o reactor!"*

Daniel correu em direção ao núcleo, mas...

**Milhares de unhas verdes** chovem do teto, formando uma muralha. A voz da **Tecedeira** ecoou:  
*"Parece que... eu SEMPRE ganho."*

**Reviravolta Final:**

- As unhas verdes **são fragmentos da alma da Tecedeira**.
- Ela **plantou o celular quebrado** no ônibus para **criar a Rainha** – seu instrumento de vingança contra as Costureiras.

## O SACRIFÍCIO DUPLO

Daniel olhou para Celit. Para a foto. Para sua mãe.

**Tomou a decisão:**

- **Correu na direção de Clara**, não do reator.
- **Abrigou-a com seu corpo** quando as unhas verdes mergulharam como dardos.

*"Falha de cálculo,"* Celit sussurrou, horrorizada.

**Impacto:**

- **Unhas verdes cravadas** nas costas de Daniel.
- **Sangue-fantasma inundou** o corpo de Clara.
- **Efeito:** O sangue de Daniel **neutralizou o controle da Rainha** sobre ela.

Clara abriu os olhos, *livre*:

*"Meu garoto... você veio."*

## O ULTIMO CORTE

A Rainha rugiu, enfraquecida. Celit viu sua chance:

- **Arrancou o emblema dourado** de seu próprio peito.
- **Cravou-o no reator**, envolvendo a foto polaroid em luz dourada.  
*"¡Nadie controla mi destino! ; COSTURA FINAL: ANNIHILATE! "*

### Efeito em Cadeia:

1. O emblema **fraturado** liberou uma onda de energia dourada.
2. A **foto polaroid** desintegrou-se.
3. A **Rainha** começou a se dissolver em pixels gritantes:  
*"ISSO NÃO É FIM! SOU... RECICLÁVEL!"*
4. **Unhas verdes** voaram para o abismo, carregando a voz da Tecedeira:  
*"Até a próxima costura, Ecodecentes..."*

## O PREÇO DA LIBERDADE

Daniel caiu de joelhos. As unhas verdes em suas costas **envenenaram seu sangue-fantasma**. Agora, ele **sangrava luz turquesa** – cor do primeiro veneno de Celit.

Clara segurou seu rosto:

*"Você me salvou... mas perdeu-se no caminho."*

Ele tentou sorrir. **Não conseguiu.**

Celit rastejou até eles, **coração dourado exposto e rachado**:

*"El reactor... vai explodir. Temos 3 minutos."*

**Fora do covil**, o ônibus 514 arrancou com Seu Geraldo gritando:

*"Entrem ou morram como heróis idiotas!"*

## O ADEUS

Daniel colocou Clara no ônibus. Virou-se para Celit:

*"Você vem?"*

Ela olhou para o coração rachado, depois para o abismo onde a Rainha caía:

*"Alguém deve... **costurar o silêncio** que vem depois da explosão."*

**Beijou-o** – um toque de **dor e cálculos**, sem amor.

*"Busca-me no **Templo do Esquecimento**, si sobrevives."*

Ela saltou no abismo com o último pulso dourado.

**A explosão engoliu tudo.**

Dentro do ônibus em aceleração máxima, Daniel **finalmente chorou**:

- **Lágrimas prateadas** queimavam seu rosto.
- **Clara cantarolava** uma canção de ninar perdida.
- **Seu Geraldo** sussurrou, olhando um Nokia 3310 piscando: *"Lulu diz que... a guerra só começou, fantasma."*

Pela janela, em meio aos destroços, **três figuras com capas de fios negros** caminhavam incólumes.

A líder ergueu uma mão – suas **unhas eram verdes e douradas agora**.

*"Próxima parada,"* anunciou Seu Geraldo, *"o berço das Agulhas Quebradas."*

Daniel apertou o fragmento do emblema dourado de Celit que ficara em sua mão.

**Ainda quente.**



## RESUMO FINAL

"Além do Pixel" entrelaça cyberpunk e realismo mágico numa jornada através de dimensões digitais. Daniel e Celit confrontam Devoradores de Ciclos, a Irmandade das Agulhas Quebradas e a Rainha, entidade que devora realidades. Com batalhas que fundem capoeira, costuras dimensionais e memórias roubadas, a narrança explora o preço do destino e a resiliência humana na era digital. O desfecho revela que toda criação deixa rastros - e alguns fantasmas merecem ser lembrados.

## AGRADECIMENTOS

Aos leitores que navegaram por Neo-Lumen, às ruas de São Paulo que inspiraram paisagens distópicas, e à magia caótica da criação.

Um tributo especial:

*Daniel Jefferson Correia Eloy*

Pela centelha inicial que deu vida a esta realidade fractrada.

*Nota de Estruturação:*

Este livro foi organizado e otimizado com assistência de inteligência artificial para garantir coerência dimensional, ritmo narrativo e imersão nas realidades paralelas.